

# Gestão Ordinária na Feira de Caruaru: uma análise a partir dos conceitos de diferença e interseccionalidade

## *Ordinary Management at the Caruaru Fair: an analysis based on the concepts of differences and intersectionality*

**Nivea Kataline da Silva SANTOS**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Núcleo de Gestão (NG), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), Caruaru, PE, Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-7240-7692>. E-mail: [nivea\\_kataline@hotmail.com](mailto:nivea_kataline@hotmail.com)

**Elisabeth Cavalcante DOS SANTOS**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Núcleo de Gestão (NG), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo (PPGIC), Caruaru, PE, Brasil. <http://orcid.org/0000-0003-3133-7290>. E-mail: [elisabeth.csantos@ufpe.br](mailto:elisabeth.csantos@ufpe.br)

*Received* 27/12/2021; *Accepted* 23/02/2022.

*ISSN:* 2594-8040

**To cite this paper:** Santos & Dos Santos (2022). Gestão Ordinária na Feira de Caruaru: uma análise a partir dos conceitos de diferença e interseccionalidade. *Journal of Perspectives in Management – JPM*, 6, p. 39-54. <http://doi.org/10.51359/2594-8040.2022.252821>

**Resumo:** O objetivo geral do trabalho foi descrever a gestão ordinária da feira de Caruaru-PE, à luz dos conceitos de diferenças e interseccionalidades. Os objetivos específicos foram: identificar como acontece a gestão ordinária na feira de Caruaru-PE (Feira da Sulanca e do Paraguai); identificar as diferenças que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE e identificar as interseccionalidades que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE. A metodologia teve natureza qualitativa, e foram realizadas 50 entrevistas semiestruturadas aplicadas com proprietários(as) de empreendimentos na feira de Caruaru-PE. Por meio da análise dos resultados, foi possível identificar a invisibilidade de pessoas com deficiência, transgênero e homossexuais na feira, a existência de violência de gênero, o pouco acesso das pessoas negras ao ensino superior, a pouca quantidade de pessoas que se identificam como negras atuantes na feira e possíveis dificuldades vivenciadas por pessoas idosas para se locomoverem neste espaço. Ao realizarmos análise interseccional sobre a gestão ordinária, percebemos ênfase na diferença geracional no que se refere às formas de controle financeiro utilizadas; ênfase no marcador formação escolar no que se refere às formas de organização de estoque realizadas; ênfase no marcador de classe e de raça para compreensão do contexto que leva os(as) feirantes a envolverem a família no trabalho, de modo informal.

**Palavras-Chave:** Feira de Caruaru; Gestão Ordinária; Marcadores Sociais da Diferença; Interseccionalidade

**Abstract:** The general objective of the paper was to describe the ordinary management of the Caruaru-PE fair, in the light of the concepts of differences and intersections. The specific objectives were: to identify the ordinary management in the Caruaru-PE fair (Sulanca and Paraguay Fair);

*Identify the differences that constitute the ordinary management at the Caruaru-PE fair and identify intersectionalities that constitute the ordinary management at the Caruaru-PE fair. The methodology had a qualitative nature, and 50 semi-structured interviews were carried out with entrepreneurs of enterprises at the Caruaru-PE fair. Through the analysis of the results, it was possible to identify the invisibility of disabled, transgender and homosexual people at the fair, the existence of gender violence, the little access of black people to higher education, the little quantity of people who identify as black acting at fair and possible Difficulties experienced by elderly people to move in this space. In carrying out intersectional analysis on ordinary management, we realize emphasis on generational difference in terms of financial controls used; Emphasis on the School Training marker with regard to the forms of inventory organization carried out; Emphasis on the class and race marker for understanding of the context that takes the fairers to involve the family at work, informally.*

**Keywords:** Fair of Caruaru; Ordinary Management; Social Markers of Difference; Intersectionality.

## 1. Introdução

A região do Agreste pernambucano é conhecida devido à presença de algumas feiras que têm um papel muito importante na economia local. Particularmente a feira de Caruaru-PE, campo de pesquisa deste trabalho, subsidiou o surgimento da cidade, uma vez que está localizada no parque 18 de maio, na rua Ruí Limeira Rosal, no centro de Caruaru e compreende várias feiras como: a da Sulanca (confecções de camisas, pijamas, jeans etc), do Paraguai ou dos Importados (produtos vindos de outros lugares), de Ervas, Sapato, Alumínio etc. (Silva, 2016).

Neste cenário, percebe-se a existência de diversos empreendimentos que se organizam de modo particular, fugindo dos padrões gerencialistas, hegemônicos no campo dos estudos das organizações. Isso acontece, dentre tantos fatores, devido à predominância da informalidade, da não divisão das tarefas, do trabalho familiar, da transmissão geracional de saberes relacionados ao trabalho na feira etc.

Para compreender esses modos de organização que não estão alinhados a um modo de gestão gerencialista, o conceito da gestão ordinária pode ser útil, permitindo compreender melhor as dinâmicas que acontecem na feira de Caruaru-PE, que acontece através dos pequenos negócios retratando práticas culturais e sociais formada por multiplicidade de códigos, interesses pessoais (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014). Deste modo, mobilizamos o conceito de gestão ordinária nesta pesquisa.

Ademais, compreender a gestão ordinária envolve olhar para as diferentes organizações, discursos e conflitos que constituem as práticas cotidianas do organizar. Assim, no sentido de entender melhor essa pluralidade que constitui a gestão ordinária na feira de Caruaru-PE, julgamos importante olhar as diferenças e interseccionalidades que a constituem.

As diferenças podem ser de diversas ordens, como as de gênero, as étnico/raciais, aquelas ligadas à sexualidade entre outras coisas, sendo possível a existência de discriminações e desigualdades devido a essas diferenças, uma vez que elas são construídas por relações de poder (Zamboni, 2014). Além disso, essas diferenças não existem isoladamente, mas estão relacionadas. Com isso, tem-se a importância da Interseccionalidade, que está relacionada aos cruzamentos entre os Marcadores Sociais da Diferença (Henning, 2015), e que permite compreender e combater várias opressões (Hirata, 2014).

O estudo das diferenças e interseccionalidades nas organizações tem sido algo pouco explorado pela literatura, apesar da importância do tema, como apresentado por autoras como

Holvino (2010) e Joan Acker (2006). Para esta última autora, as organizações (re)produzem desigualdades de gênero, classe e raça por meio das práticas e processos usados para alcançar seus objetivos. Dito isto, é fundamental destacar que os movimentos feministas e as teorias realizadas pelas estudiosas desses movimentos contribuíram para que se estudassem as interseções nas organizações, diante da dificuldade em implantar discussões a respeito disso (Holvino, 2010).

Levando em consideração as diferenças e interseccionalidades, a Gestão Ordinária, realizada em pequenos empreendimentos (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014) pode evidenciar a existência de desigualdades por meio dos seus processos e práticas e é justamente esta a preocupação do presente trabalho. Nesse contexto, a presente pesquisa possui a seguinte pergunta: como acontece a gestão ordinária na feira de Caruaru à luz dos conceitos de diferenças e Interseccionalidade?

Para responder à pergunta de pesquisa, foi elaborado o seguinte objetivo geral: Analisar a Gestão Ordinária da feira de Caruaru-PE, à luz dos conceitos de diferenças e interseccionalidades. Os objetivos específicos foram: Identificar como acontece a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE; Identificar as diferenças que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE; Identificar as interseccionalidades desigualdades e agência interseccional que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE.

Este estudo se mostra importante em termos teóricos e práticos. Em termos teóricos, são poucos os estudos sobre diferenças e interseccionalidade no campo da administração, e a pesquisa também inova ao propor uma articulação entre Gestão Ordinária e Interseccionalidade. No que diz respeito aos termos práticos, é relevante entender os modos de gestão praticados na feira, que é um contexto marginalizado, e foi importante perceber como as diferenças são tratadas na realização de algumas práticas na feira. Esta compreensão pode ser útil para o combate às desigualdades percebidas.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1. Marcadores Sociais da Diferença

Acredita-se que o termo diversidade, apesar de importante, assumiu um caráter gerencialista no mundo empresarial, em função da ampla disseminação da Gestão da Diversidade. Como colocam Alves e Galeão-Silva (2004, p. 27):

O termo gestão abrange todas as operações necessárias para medir e controlar certo objeto – no caso, a diversidade. A redução de um problema social à dimensão técnica elimina o caráter político da questão [...] A diferença neutralizada transforma-se em mercadoria e pode ser gerenciada como um recurso da organização

Diante dessa e de outras críticas, como a realizada por Saraiva e Irigaray (2009), optamos por trabalhar com o termo diferença, para não incorrer em possíveis interpretações homogeneizantes sobre o assunto. Quando se fala de diferença, os seres humanos se mostram diferentes nos formatos, cores e proporções corporais, nos usos do corpo e da linguagem, nas maneiras de se alimentar, de se vestir e de consumir bens e nos meios de se relacionar com outros – seja em esportes, seja em brigas ou em práticas sexuais (Zamboni, 2014).

Schwarcz (2019) evidencia que o termo marcadores sociais da diferença tornou-se numa maneira de designar essas diferenças socialmente construídas derivando, muitas vezes, em desigualdade e hierarquia. O conceito dialogava com concepções da antropologia que lidava com definições como “relatividade” e “diferença”, por meio de interações sociais que geram grande impacto no mundo das representações.

Conforme descrito por Almeida, Simões, Moutinho e Schwarcz (2018), referente ao conceito de marcadores sociais da diferença:

A diferença é constituída por meio de taxonomias e classificações que acentuam certos sentidos de diferença, ao ponto de tomá-los como corriqueiros, “dados” ou “naturais”, enquanto outros são subestimados ou circunstancialmente esquecidos (Almeida, Simões, Moutinho & Schwarcz 2018, p.19).

Zamboni (2014, p.13) define que: “marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais”. Algumas categorias de classificação que estão associadas a uma determinada posição social, possuindo uma história e atribuindo certas características em comum aos indivíduos nela agrupados: raça (negros, brancos, morenos, mulatos, asiáticos, indígenas); gênero (homens, mulheres, travestis, transexuais); sexualidade (heterossexuais, homossexuais, gays, lésbicas, bissexuais); classe (ricos, pobres, classe média, proletariado, profissionais liberais, moradores de rua); geração (jovens, idosos, adultos, adolescentes, crianças).

Os marcadores sociais da diferença especificados anteriormente têm sido frequentemente estudados e se mostrado fundamentais para compreender a sociedade brasileira contemporânea. Para caracterizar essa perspectiva de análise, foram enumerados alguns aspectos. O primeiro aspecto é que as diferenças existentes entre os seres humanos não são naturais, mas construídas no âmbito social e necessitam serem contextualizadas em termos de tempo e espaço. O segundo aspecto é que os marcadores sociais da diferença não se apresentam de maneira isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política. Por último os sistemas de classificação estão perpassados por relações de poder (Zamboni, 2014).

Almeida, Simões, Moutinho e Schwarcz (2018, p. 19) conceituam marcadores sociais da diferença como “uma maneira de designar como diferenças são socialmente instituídas e podem conter implicações em termos de hierarquia, assimetria, discriminação e desigualdade”. Avtar Brah (2006), por sua vez, conceitua a diferença de quatro formas: diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade e diferença como identidade (Brah, 2006). Desse modo, a diferença é definida pelas experiências vivenciadas coletivamente dentro de um grupo social, por discursos econômicos, culturais, políticos e práticas institucionalizadas, por sentidos construídos, e por uma identidade, que dá coerência e continuidade às diferentes subjetividades.

Para Hirano (2019), a definição de marcadores da diferença se relaciona com a conceituação de interseccionalidade, possibilitando um entendimento relacional referente às opressões ou privilégios vivenciados. Desse modo, para compreensão de como a interseccionalidade acontece, é necessário entender quais os marcadores da diferença em questão e como eles se relacionam, criando experiências singulares para determinados grupos sociais. Na próxima seção, o conceito de interseccionalidade é apresentado.

## 2.2. Interseccionalidade

A interseccionalidade é definida como a procura por capturar os efeitos estruturais e dinâmicos da relação entre dois ou mais eixos da subordinação (Crenshaw, 2002). Logo, entende-se que a interseccionalidade é uma proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (Hirata, 2014, p. 62).

Para Collins, a interseccionalidade tem como “objetivo de tornar a liberdade significativa para pessoas cujas experiências de vida estavam circunscritas pelo racismo, o sexismo, a exploração de classe, o nacionalismo, a religião e a homofobia” (Collins, 2017, p. 7). Desse modo, não pode ser desvinculada da busca por justiça social. Tal compreensão se aproxima do entendimento de Henning (2015), que afirma que a interseccionalidade se relaciona aos cruzamentos por meio dos marcadores sociais da diferença, refletindo desigualdades sociais, como também a elaboração de técnicas de resistência, questionamento e desconstrução da desigualdade.

Quando se utiliza o termo interseccionalidade é tentador afirmar que as afro-americanas o descobriram. Contudo, é notório que nos Estados Unidos as mulheres afro-americanas pertenciam a uma corrente mais abrangente de mulheres (mexicanas e outras latinas, mulheres asiáticas e indígenas), que estavam na vanguarda do movimento com o intuito de reivindicar a inter-relação entre raça, classe, sexualidade e gênero em sua experiência cotidiana (Collins, 2017).

A interseccionalidade como projeto de conhecimento se expandiu na academia, sendo nomeada, nos anos 1990, apresentando aceitação em muitos campos de estudo como a sociologia, a psicologia, a economia e a ciência política (Collins, 2017).

Diante do contexto de estudos sobre interseccionalidade surgiu o termo agência interseccional, que conforme Henning (2015, p. 117), são os “espaços de ação calçados em marcadores sociais da diferença e que se dá em resposta aos cenários potenciais de desigualdades com as quais os sujeitos se confrontam”. Na verdade, o que é evidenciado com esse termo é a importância de estar atento para as maneiras pelas quais os indivíduos potencialmente usam de suas próprias marcas identitárias interseccionais (como também na interação com os traços identitários interseccionais de outros sujeitos) de forma a enfrentar as opressões com a criação, o questionamento e desconstrução social de desigualdades (Henning, 2015).

No campo dos estudos organizacionais, de acordo com Holvino (2010), existe certa dificuldade em implantar discussões sobre intersecções de classe, gênero e raça na teoria e no ambiente organizacional. A autora destaca predominância de pessoas não brancas em trabalhos de baixo nível, o que pode limitar suas oportunidades e status econômicos, não sendo fácil desprender o contexto racial da história da classe na vida de mulheres não brancas. Contudo, a experiência de classe para mulheres não brancas não é despreendida, e sim uma parcela integral, parte de sua vivência de gênero e raça e vice-versa (Holvino, 2010).

A vista disso, um bom exemplo a ser destacado são as trabalhadoras domésticas, no cenário brasileiro. É fundamental evidenciar que no Brasil há várias razões para a forte presença do trabalho doméstico, se dando pelo enraizamento profundo da colonialidade na construção da sociedade; pela inexistência de equipamentos públicos (lavanderias públicas, restaurantes a preço acessível, creches, escolas integrais etc.); pela forte concentração de renda. No Brasil, apenas 26,3% das empregadas domésticas detêm carteira de trabalho assinada, ou seja, cerca de 5 milhões de empregadas domésticas estão desprovidas dos direitos a férias anuais, aposentadoria, direito ao salário mínimo etc. (Costa, 2015).

Os marcadores sociais da diferença relativos à idade, gênero, classe e raça tem sido mobilizados para demonstrar os obstáculos vividos no dia a dia das trabalhadoras domésticas na sociedade brasileira uma vez que: a maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres negras; há forte existência do trabalho infantil; há discriminação racial e de classe acometidas no ambiente de trabalho, realizado por outra mulher (a patroa, empregadora), e o assédio e à violência sexual manifestados no trabalho (Costa, 2015).

### 2.3 Gestão Ordinária

A gestão ordinária pode ser compreendida como aquela que se realiza no cotidiano dos negócios ordinários, dos pequenos empreendimentos, apresentando práticas sociais e culturais compostas por uma pluralidade de referências, códigos e interesses pessoais e relacionais. O cotidiano engloba contexto de interferência cultural e social, mas também, de forma simultânea, é construído na vida privada da mulher ou do homem ordinário. O cotidiano não é uma representação mecânica e constante de memórias, gestos ou folclores. Assim, o cotidiano e a gestão ordinária são mensageiros de uma historicidade que deve ser observada com a finalidade investigativa de dar vozes às diversas pessoas que habitam os espaços de passagens (galerias comerciais, feiras, entre outros) (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014).

No que se refere à área de Estudos Organizacionais, a gestão ordinária colabora ao proporcionar a recuperação de outras experiências de gestão, oferecendo visibilidade às pessoas

comuns e se interessando por suas práticas, histórias e discursos, resgatando o direito de eles serem enxergados como gestores e produtores de conhecimento. A gestão ordinária apresenta crítica referente à visão funcionalista das organizações, pois esta considera que os processos devem estar padronizados e acomodados segundo normas, muitas vezes afastados da realidade concreta dos executores. Essa visão não considera que pode haver incompatibilidade de padronização em relação à diversidade de organizações existentes, as quais divergem entre si em termos de estrutura, contexto, forma, história e pessoas (Carrieri, Perdigão, Martins & Aguiar, 2018).

Assim, a gestão ordinária pode ser considerada como um fenômeno plural, que abrange membros das organizações chamados de sujeitos comuns. E estas pessoas criam e utilizam o dito conhecimento popular, através das maneiras de organização das tarefas em seus negócios comerciais de pequeno porte. Mas em comparação aos processos julgados como adequados na percepção funcionalista, são criticados e rotulados como amadores, improvisados, sem profissionalismo e sem credibilidade (Carrieri, Perdigão, Martins & Aguiar, 2018).

Pesquisas que utilizam o conceito de gestão ordinária priorizam o pequeno negócio (artesão, vendedor ambulante, lojista, feirante em espaços específicos da cidade). Esses locais de passagens entre ruas mostram as incertezas de espaços públicos (cheios, no aperto dos corpos e na multidão de indivíduos ou vazios, abandonados, esquecidos) (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014). Diante desse contexto, existe uma dificuldade por parte do pesquisador da área de gestão, ao explorar o cotidiano que reside na procura de pessoas comuns, pois de modo geral são eliminados da narrativa gerencial por não terem uma história grandiosa (Carrieri, Perdigão, Martins & Aguiar, 2018).

No pequeno negócio há predominância:

[...] da espontaneidade, do improviso, do fazer com o que se tem em mão; do compartilhamento de conhecimento; do agir e do responder ao ambiente sem planejamento prévio; com tempo estendido de dedicação aos clientes e parceiros; a não adoção de protocolos e procedimentos pré-estabelecidos; a não análise de mercado [...]; a presença da afetividade; da razão substantiva; a valorização da intuição (Carrieri, Perdigão, Martins & Aguiar, 2018, p. 10).

Desse modo, percebe-se a existência de modos de organizar plurais, que não necessariamente condizem com os modos gerencialistas, reproduzidos nos manuais de gestão. Pesquisas recentes têm se dedicado a compreender modos de gerir “outros”, existentes na cidade de Caruaru-PE, como por exemplo a pesquisa de Santos, Silva, Dias e Moraes (2021), que investiga as práticas organizativas das culturas populares da localidade, destacando os saberes fazeres que servem de base para estas práticas, pautadas na dinâmica do cotidiano, na ancestralidade e nos afetos, distanciando-se da racionalidade puramente instrumental.

## 2.4 Feira de Caruaru

A feira de rua pode ser caracterizada como mercado informal, improvisado e popular, um ambiente que abarca várias atividades, relacionadas ao comércio, ao consumo e à produção, como também aos campos da política e cultura. Elas refletem o modo de viver dos povos de uma região, os costumes e hábitos, retratados nesse comércio improvisado (Burnett, 2014a), deixando “marcas significativas no jeito de falar, pensar, agir e negociar das pessoas da região” (Sá, 2018, p. 77).

Desta maneira, pode-se acentuar que a realização das feiras livres possibilitou a instituição da Feira da Sulanca, costume típico da região agrestina (Burnett, 2014b). Pode-se dizer que a Feira da Sulanca é um fenômeno de comércio e produção de confecções populares, o qual surgiu em 1960, no Agreste Pernambucano, no Alto Capibaribe (Burnett, 2014a), e faz parte da formação da identidade do povo (a maneira de falar, de expressar, as relações cotidianas) da região agreste (Sá, 2011).

Quando se fala na feira de Caruaru é necessário destacar que ela favoreceu para o surgimento da cidade de Caruaru, devido a não existência da cidade quando a feira começou, e ao fato da atual cidade ser, a época, um povoado unido ao município de Bezerros. A construção de uma capela, que suscitou em encontros semanais onde o povo local aproveitava a oportunidade para trocar mercadorias, foi um dos aspectos que contribuíram para o desenvolvimento da localidade (Silva, 2016).

Além da feira da Sulanca, o parque 18 de maio, localizado no centro de Caruaru, na Rua Rui Limeira Rosal, compreende outras feiras além da Sulanca, com temáticas distintas. Destacando: a feira de Artesanato; a do “Paraguai” ou dos Importados; a de Ervas; de Sapato; de Alumínio (Silva, 2016). A feira do Paraguai poderia ser denominada de “Feira da China”, devido a maioria das mercadorias produzidas virem diretamente da China. Sua localização é adjunta a feira da Sulanca e a movimentação maior de compra e venda acontece nos dias em que a feira funciona. Nesta feira se comercializam produtos importados vindos do Paraguai, como também de São Paulo (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2009).

Atualmente, Caruaru compreende o polo de confecções de Pernambuco juntamente com algumas cidades circunvizinhas, como a cidade de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, compondo o triângulo da produção regional do polo comercial, e assim alcançando estruturar a feira da Sulanca e seus municípios (Silva, 2016). A criação discursiva do Polo de Confecções do agreste, deriva de estratégias de marketing dos sulanqueiros (qualquer pessoa que tenha um trabalho qualquer relacionado à fabricação e comércio de sulanca), assistidos pelo Sebrae e por outros modernizadores, com o intuito de livrar do descrédito que a palavra sulanca traz, indicando artefato de pouca qualidade, de feira (Burnett, 2014a).

Por fim, é fundamental destacar o papel importante que as mulheres que trabalham na feira da Sulanca desempenham. As feirantes são cruciais para o desenvolvimento socio regional, para a instituição e a proteção da família. Com o trabalho feminino na região agreste, muitas mulheres são responsáveis pelo sustento, pela chefia da casa e pela manutenção dos vínculos familiares, sendo apoio de suas famílias. São mulheres divorciadas, casadas, separadas, jovens, mães solteiras, empreendedoras que fazem da feira da Sulanca seu ambiente de trabalho, e sonham superar o desemprego ou a pobreza. Contudo, é possível observar precariedade nas relações de trabalho presentes nesse contexto, devido à informalidade e à inexistência de rede de proteção social, expondo a mulher a diversos acontecimentos de vulnerabilidade que refletem violações de Direitos Humanos, apesar de se reconhecer que mesmo diante dessas adversidades as feirantes alcançam com seu trabalho autonomia referente a questões políticas, econômicas e sociais (Silva, 2016).

Percebe-se que os maiores obstáculos enfrentados pelas mulheres na feira da sulanca tem relação com o exercício do trabalho informal, pela questão da infraestrutura (precarização do ambiente de trabalho), a dupla jornada de trabalho que engloba as tarefas de produção, da educação dos filhos e cuidados domésticos (Andrade, Santos & Oliveira, 2018). Na análise dos resultados, apresentaremos não só a realidade do trabalho das mulheres na feira de Caruaru, mas também de outros grupos identitários, priorizando a análise interseccional. Antes disso, a próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados.

### **3. Procedimentos metodológicos**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. De acordo com Godoi e Mattos (2010), a análise qualitativa é uma maneira de produzir e interpretar a informação de modo a acessar categorias analíticas mais amplas, e não um simples registro do que comentam os sujeitos. Desse modo, é uma abordagem de pesquisa que em vez de “determinar causa e efeito, prever, ou descrever a distribuição de certos atributos numa população, está interessada em descobrir os significados de um fenômeno para os envolvidos” (Merriam, 2009, p. 5), possuindo quatro principais características: “foco no processo, compreensão e significado; o pesquisador/a é

primeiramente um instrumento de coleta de informação e análise; o processo é indutivo; e o produto é ricamente descritivo” (Merriam, 2009, p.14).

O método de levantamento de informações utilizado foi entrevista semiestruturada, pois compreende-se que ela permite o alcance de uma riqueza de informações e possibilita ao investigador a oportunidade de evidenciar e dar continuidade às perguntas e respostas em uma interação direta e flexível (Godoi & Mattos, 2010). Essas entrevistas foram realizadas de maneira virtual, devido à pandemia do Covid-19. A plataforma utilizada foi o *Google Meet*, através de vídeo chamada. Alguns não quiseram ligar a câmera, com isso foi respeitada a vontade e então se fez por áudio.

As perguntas da entrevista foram relacionadas aos objetivos específicos do trabalho, que se referem a como acontece a gestão ordinária na feira de Caruaru; às diferenças e às interseccionalidades (desigualdades e agência interseccional) que constituem a gestão ordinária na feira de Caruaru. Os sujeitos da pesquisa foram feirantes da feira de Caruaru – PE que atuam nas feiras da Sulanca e do Paraguai. O acesso somente a essas duas feiras se deu pelo fato de que só foi possível entrevistar pessoas por meio do conhecimento prévio da pesquisadora, dado o contexto de pandemia.

Os critérios para seleção dos entrevistados foram: estar atuando na feira há mais de 1 ano; ser proprietário do empreendimento; ter a partir de 18 anos; concordar em participar de forma voluntária da pesquisa; ter acesso à internet e dispositivo que tornasse possível a conversa pelo Google Meet. Por meio destes critérios foi possível acessar pessoas que atuam diretamente na gestão de negócios na feira da Sulanca e do Paraguai e possuem certa experiência neste trabalho.

Foram entrevistadas 50 pessoas e essa quantidade foi definida pelo critério de exaustão de dados, ou seja, quando as informações começam a se repetir. Vale ressaltar que esta é uma amostra pequena em relação à quantidade de pessoas que trabalham na feira da sulanca, o que não permite acessar toda a diversidade de pessoas que atuam no contexto investigado, e que a seleção dessas pessoas foi baseada na proximidade de uma das pesquisadoras com o campo, que atua na feira.

Em relação à análise, foi realizada análise de conteúdo temático-categorial, com base em orientações de Oliveira (2008). Esta análise envolve três importantes etapas: (1) na etapa de pré análise, foram selecionadas as categorias teóricas para a construção da análise e realizadas as transcrições das entrevistas, que constituíram o corpus da pesquisa. As categorias principais do trabalho foram: gestão ordinária, diferenças (considerando experiências, relações sociais, subjetividades e identidade) e interseccionalidade (englobando desigualdades e resistências); (2) na etapa de exploração do material foram selecionadas as unidades de registro e unidades de contexto que se relacionavam com as categorias teóricas; (3) na etapa de tratamento dos resultados, foi realizada a inferência e interpretação dos resultados previamente tratados.

## 4. Discussão

Antes de mencionar a gestão ordinária praticada pelos(as) feirantes, faz-se importante discutir as diferenças e interseccionalidades que constituem os sujeitos investigados, de modo que seja possível compreender, mais a frente, por quais motivos estes mobilizam determinadas ações na gestão cotidiana.

### 4.1 Diferenças e Interseccionalidades na Feira de Caruaru

A maioria dos feirantes está entre a faixa etária dos 40 aos 56 anos, ocupam cargos informais e estão em um cargo de liderança na feira pelo fato de gerirem seu próprio negócio. De um modo geral, percebeu-se as seguintes faixas etárias dos 23 a 30 anos [26%], 31 a 40 anos [26%] e 40 a 56 [48%].

É possível destacar que 28 dos entrevistados se autodeclararam brancos, tendo apenas 4 pessoas autodeclaradas negras. Apesar da literatura apontar a existência de maioria de pessoas negras no mercado de trabalho informal (Ribeiro, 2017), como é o caso da feira, a presente pesquisa mostra o contrário. Entretanto, cerca de 17 pessoas se declararam morenas e 1 parda, mostrando uma participação expressiva de pessoas não brancas dentre os entrevistados. Essa não percepção de si mesmos como pessoas negras pode estar associada a um projeto histórico de embranquecimento da população, também conhecido como projeto eugenista (Conceição, 2009).

Exatas 29 pessoas se autodeclararam mulheres, isso mostra que as mulheres exercem um papel importante na feira de Caruaru, conforme aponta Silva (2016) quando destaca que as comerciantes são essenciais para a instituição, o desenvolvimento socio regional e a proteção da família.

É importante evidenciar que existe uma pluralidade de mulheres na feira: 8 mulheres se autodeclararam morenas, 3 negras e 18 brancas. A partir disso, é possível perceber que o grupo formado por mulheres, assim como todos os outros grupos sociais, não pode ser considerados homogêneos, possuindo experiências e subjetividades diferentes. Desse modo, ressalta-se a importância de interseccionar gênero e raça, considerando o que dizem as autoras como Ribeiro (2017), Hirano, (2019), Collins (2017), Holvino (2010), Costa (2015) e Crenshaw (2002).

Ainda no que se refere ao marcador de gênero, o fato de ninguém ter se autodeclarado transgênero pode indicar uma exclusão de pessoas transgênero do trabalho na feira, como já aponta a literatura ao mencionar o mercado de trabalho como um todo (Vaipé, 2019; Zamboni, 2014; Schwarcz, 2014; Almeida, Simões, Moutinho & Schwarcz, 2018).

No que se refere ao marcador de sexualidade, é interessante ressaltar que 100% das pessoas se autodeclararam heterossexuais, evidenciando que mesmo para uma amostra relativamente pequena dos trabalhadores que atuam na feira, aponta para uma possível exclusão e/ou falta de acesso do grupo social homossexual.

Quando perguntados sobre o nível de escolaridade, 25 dos entrevistados afirmaram possuírem o ensino fundamental (completo e incompleto), enquanto 6 pessoas declararam possuir o ensino médio completo, 17 com formação superior (completa e incompleta) e 2 com pós-graduação.

A partir desses resultados, pode-se inferir que a maioria das pessoas que atuam na feira não possuem formação superior, o que pode indicar que a feira é uma alternativa para as pessoas que não tem acesso a ensino superior, como apontam outros estudos sobre a feira como (Andrade, Santos & Oliveira, 2018; Sá, 2018).

Importante destacar também que dentre as pessoas que afirmaram possuírem ensino superior completo ou incompleto, bem como pós-graduação, nenhuma delas se autodeclarou negra, sendo a maioria branca (19 pessoas), o que reforça indicação da literatura sobre relações raciais, que aponta a persistência de dificuldade de acesso à educação superior por pessoas negras (Ribeiro, 2017). Aqui, percebe-se a interseccionalidade existente entre diferenças de raça e de formação.

Além disso, a maioria dos feirantes demonstrou a importância que o estudo traz para o ambiente da feira possibilitando a melhoria de seus empreendimentos, mesmo entendendo que muitos comerciantes sabem gerenciar bem por causa da experiência que possuem.

Outro fator que chama a atenção nesta pesquisa é que nenhum entrevistado(a) se identificou como pessoa com deficiência. Desse modo, compreende-se que as pessoas que atuam na feira e que não são pessoas com deficiência estão atuando na feira, enquanto as pessoas com deficiências aparentemente não estão. Os relatos dos entrevistados levam a crer que o que contribui para isso são as más condições de trabalho na feira, ou seja, é um meio que não é adequado para pessoas com deficiência. Boa parte dos entrevistados se mostram insatisfeitos com essa desigualdade, deixando evidente que a prefeitura deveria organizar melhor o espaço da feira

Interessante destacar que os entrevistados atribuem ao poder público a construção de espaços mais inclusivos na feira, para que pessoas com deficiência possam circular e atuar ali, porém, não são mencionados outros órgãos importantes como a Associação dos Sulanqueiros, por exemplo.

A partir dessa apresentação dos entrevistados, é possível perceber a existência de marcadores sociais da diferença que constituem os feirantes que atuam na feira de Caruaru. Estes marcadores, conforme apresenta a literatura indicada no referencial teórico deste trabalho, são constituídos por experiências, subjetividades, relações sociais e identidades (Brah, 2006).

No que se refere às experiências vivenciadas que pudessem indicar subjetividades e possíveis desigualdades vividas no cotidiano, é interessante destacar as seguintes falas referentes ao marcador de gênero:

Passei por uma experiência positiva, por ser uma mulher empreendedora, ser inteligente, desenrolada e educada (Entrevistada 3, Feira do Paraguai, 25 anos).

Recebi elogio de eu ser uma mulher que gerenciar meu negócio muito bem e sou inteligente (Entrevistada 7, Feira do Paraguai, 47 anos).

Nestes relatos, pode-se observar a existência de elogios pelo fato de ser mulher empreendedora/gestora e “inteligente”. O fato de nenhum homem ter relatado este tipo de elogio aponta para o fato de mulheres com este perfil atuando na feira serem consideradas, possivelmente, “diferentes” do padrão esperado ou do que historicamente se vê neste campo de trabalho.

Ademais, essa “nova” posição das mulheres aponta para uma possível resistência delas num contexto de exclusão que elas vivenciam em relação as posições gerenciais e de liderança no Agreste das Confecções. Desse modo, mobiliza-se aqui o conceito de Interseccionalidade emancipadora (Costa, 2015) para evidenciar como, apesar das desigualdades e opressões vividas, as resistências sempre são possíveis, mesmo que aos poucos.

Outra experiência apontada pelos entrevistados indica a “novidade” atrelada ao trabalho exercido por mulheres jovens na feira, pois, como pontuado anteriormente, a maioria das pessoas entrevistadas possuem mais de 40 anos de idade. Aqui, é possível perceber a intersecção entre os marcadores sociais da diferença ligados a gênero e geração, que torna a experiência das mulheres feirantes mais jovens singular na feira de Caruaru.

No que refere às experiências que evidenciam opressões vivenciadas no cotidiano, apenas dois entrevistados se posicionaram a respeito. Um deles relatou a necessidade de ajudar uma pessoa idosa que circulava na feira, apontando para uma possível dificuldade enfrentada por pessoas que se encontram em faixa etária mais elevada. Outro narrou uma situação vivenciada na feira na qual viu um homem agredindo fisicamente uma mulher. Neste caso, fica evidente a questão da violência de gênero.

O posicionamento de apenas duas pessoas à respeito das opressões vivenciadas pode indicar: (1) desconforto em falar abertamente sobre o assunto; (2) dificuldade em perceber as opressões vividas no cotidiano, tendo em vista que elas podem ser muito sutis; (3) o fato de as intersecções que constituem os sujeitos entrevistados os colocarem em lugar de privilégio na sua atuação na feira, como o fato de muitos serem brancos, pessoas sem deficiência e heterossexuais, fazendo com que eles(as) não vivenciem situações de opressão cotidianas tão evidentes.

A partir do que foi apresentado até aqui, pode-se fazer a seguinte afirmação: as subjetividades ligadas ao trabalho desempenhado na feira associam-se, no imaginário das pessoas que ali atuam, diretamente à figura do homem empreendedor/gerente, mais velho, pessoa sem deficiência, heterossexual, branco, com ensino fundamental. As mulheres empreendedoras ou gestoras e jovens são vistas com certa “novidade” ou fora do padrão esperado para atuação na feira, e pessoas autodeclaradas negras são minoria dentre as pessoas acessadas. Ademais, pessoas

transgênero, homossexuais, com deficiência, ou com outros marcadores “destoantes” da figura típica sequer foram acessadas, indicando invisibilidade desses sujeitos dentre aqueles que atuam na feira de Caruaru.

## 4.2 Gestão Ordinária na Feira de Caruaru

A maioria dos entrevistados dessa pesquisa declararam que as atividades realizadas na feira são referentes a vendas de roupas e acessórios tanto femininos quanto masculinos. Cabe destacar que as roupas serem comercializadas na feira da Sulanca, enquanto os acessórios na feira do Paraguai e todos(as) os(as) feirantes participam de todas as etapas, realizando compras de mercadorias, pagamentos, organização e a própria venda. Este fato aponta para uma gestão sem divisão nítida de tarefas, na qual a mesma pessoa que vende o produto na feira é a que gerencia o negócio.

Os produtos se destinam a todos os públicos (crianças, adultos, feminino, masculino), com modelos mais variados possíveis, como roupas jeans (shorts, calças, saias), de praia (maiôs, biquínis, sungas), pijamas, roupas íntimas, moda fitness, camisetas, chapéus, bonés, cintos, carteiras, relógios, maquiagens, pulseiras e vendem no atacado e no varejo.

A maioria dos feirantes entrevistados possui como forma de organização das questões financeiras do seu empreendimento, a utilização de cadernos e livro caixa que vendem em livrarias e criam planilhas no computador e imprimem em papel A4. Sá (2018) já apontava três principais tendências no que se refere ao cálculo financeiro: cálculos feitos de modo empírico, com base em experiências prévias, busca por outras fontes de conhecimento ou consultoria, e cálculo realizado por departamento específico. Nesta pesquisa, prevaleceu a primeira tendência apontada pelo autor, pois mesmo algumas pessoas organizando essas questões por meio de planilhas de Excel e com ajuda de um contador, o que se sobressaiu nas entrevistas foi a organização feita de maneira mais simples. Desse modo, observa-se uma gestão ordinária que não se utiliza de tecnologias de ponta para realização de controle financeiro. Na fala do Entrevistado 47, por exemplo, fica evidente a questão geracional que perpassa esse modo de gerir, pois o filho, mais jovem, tenta ajudar o pai a utilizar o computador, mas sem sucesso, uma vez que o pai acredita ser mais fácil utilizar a caderneta.

Dentre as pessoas de 23 a 30, os recursos utilizados são planilha de excel [12%], caderneta [8%], papel [4%] livro caixa [2%] e contador [2%]. Dentre as pessoas de 31 a 40 anos, os recursos utilizados são planilha de excel [4%], caderneta [14%], papel [0%] livro caixa [0%] e contador [6%]. Dentre as pessoas de 41 a 56, os recursos utilizados são planilha de excel [2%], caderneta [26%], papel [4%] livro caixa [4%] e contador [12%]. O que se pode perceber, portanto, é que de um lado se tem as pessoas mais jovens que utilizam mais o excel pois acham mais prático e por estarem utilizando com maior frequência o computador, de outro lado se tem as pessoas mais velhas que preferem a caderneta por ser um modo mais prático e simples para eles, apenas pegar uma caneta e anotar.

Outro dado importante é que cada vez mais os comerciantes estão preocupados com a divulgação de seus produtos, utilizando muito as redes sociais: Instagram e o WhatsApp para isso. O Instagram, para boa parte dos feirantes, é uma forma de tornar a marca mais conhecida e o WhatsApp é onde realmente acontecem as vendas (no perfil da empresa no Instagram tem o link do WhatsApp onde o cliente é direcionado para falar com o dono ou com o funcionário e fazer o seu pedido).

Dentre as pessoas que mencionaram utilizar o Instagram e o WhatsApp, a maioria são pessoas com idade mais avançada, na faixa etária dos 41 a 56 anos [45%], são mulheres [65%], com formação de ensino fundamental completo e incompleto [47%] e mesmo com baixa escolaridade utilizam os mesmos recursos das pessoas que tem um nível de formação mais avançado, evidenciando que são ferramentas acessíveis a todas as idades e formações escolares.

Ao serem questionados sobre como organizam o seu tempo, os feirantes mencionaram que se organizam em torno de tarefas principais como compras, vendas, pagamentos aos fornecedores, organização das mercadorias em estoque, divulgação, separação de pedidos dos clientes.

Muitos dos entrevistados mencionaram que organizam o seu estoque semanalmente, já que a feira ocorre nessa frequência, para que não ocorram perdas ou até mesmo a mercadoria se torne obsoleta. Apenas uma das entrevistadas relatou que realiza o controle do estoque através de um programa instalado em seu computador. Essa entrevistada possui o ensino superior completo e tem 33 anos de idade, o que indica que a diferença relativa à formação escolar pode estar associada a uma maior facilidade para utilização de programas de gestão.

Ademais, também percebemos que essa lógica de organização das mercadorias atende, de modo semanal, atendendo à demanda da feira, evidencia um aspecto importante da gestão ordinária, que se refere à sua relação com o contexto vivido, que define como as atividades acontecem (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014).

É a partir da terça-feira que os feirantes começam a se organizar para a próxima feira, já que ela acontece uma vez na semana. As compras das mercadorias são feitas online, eles realizam o pedido através do WhatsApp e uma transportadora de sua confiança entrega nas suas casas ou as pessoas viajam e fazem/retiram o pedido presencialmente. A questão dos pagamentos aos fornecedores é por meio de transferências, depósitos bancários ou em espécie. Ao passo que estão com seus produtos em mãos os comerciantes executam a parte da divulgação (fotografar, filmar), depois disso postam no Instagram e no grupo no WhatsApp para seus clientes fazerem o pedido. Os funcionários ou a(o) dona(o) do empreendimento efetua a separação e no dia da feira fazem entregas em excursões ou os clientes pegam a mercadoria no banco. Por último, a venda que acontece no dia da feira ou online (conforme foi citado).

Sobre o planejamento das atividades, a maioria dos feirantes afirmaram que não o fazem. Apenas cinco pessoas relataram que era possível fazer uma projeção do que é vendido mais em cada período do ano. Esse não planejamento indica a realização de uma gestão não sistematizada, mas que permite ao feirante agir e responder ao ambiente, conforme o conceito de gestão ordinária explica.

Ao serem questionados sobre a existência de funcionários que os ajudam e sobre como aprenderam a trabalhar na feira, foi possível evidenciar práticas culturais ligadas à importância dada aos laços familiares e a informalidade, como aponta Sá (2018, p. 34), que afirma que “a significativa maioria dos negócios de produção e comercialização de confecções que emergiram na região, ao longo das últimas décadas, tem origem doméstica”.

No tocante à existência de funcionários, 33 entrevistados disseram que não possuem e que as pessoas que lhes ajudam são membros da própria família (filhos, marido e esposa), evidenciando a importância dos laços familiares para esses negócios. Isso ilustra o conceito de gestão ordinária, que se constrói no contexto de interferência cultural e social (a feira, com toda a sua história e particularidades), mas também, de forma simultânea, a vida privada da mulher ou do homem ordinário. Além disso, todos os feirantes entrevistados disseram que aprenderam a trabalhar na feira com os pais ou avós e alguns destacaram que desde crianças iam ajudar na feira porque era a única forma de sobrevivência, como pode ser a própria gestão do negócio também se apresentou, por meio das entrevistas, como algo aprendido com familiares.

Destaca-se que a importância desses laços familiares está associada à forte informalidade existente na região, ligada a uma necessidade de sobrevivência para garantir a “única fonte de renda” da família, como colocado pelo Entrevistado 47. Esta necessidade está atrelada ao marcador de classe, uma vez que a maioria dessas famílias se encontram em situação de restrição financeira. Como pontuado por Sá (2018, p. 34), a “exploração de mão de obra doméstica e subempregada” é um dos traços marcantes da história do Agreste das Confecções.

Desse modo, problematizamos a fala do Entrevistado 22, quando ele coloca que essas relações são “bem tranquilas”, afinal, num contexto escassez e de informalidade, alguns direitos sociais podem não ser atendidos.

Ademais, a existência de opressões e desigualdades ligadas aos marcadores sociais da diferença podem tornar a experiência de determinados grupos mais delicada. Como está exposto na fala do entrevistado, que destaca o marcador racial como um elemento ligado à pobreza e às dificuldades enfrentadas:

A minha família era muito pobre ai desde pequena eu e meus irmãos tínhamos que trabalhar na feira porque não tínhamos outras oportunidades e o fato da cor da pele também influenciou (Entrevistado 18, Feira da Sulanca, 55 anos).

Importante destacar também que este contexto social marcado por informalidade, é protagonizado por mulheres periféricas, com formação educacional baixa, e com quantidade considerável de pessoas não brancas, como apresentado anteriormente, nos levando a constatar que alguns grupos sociais, marcados por diferenças específicas, constituem este contexto.

Outro dado interessante a ser observado é sobre os conhecimentos/saberes que os entrevistados acham necessários para ter e gerenciar um negócio na feira. 49 pessoas declararam que é preciso ter uma educação financeira, destacando como elementos centrais para a boa gestão o que se gastou num determinado período, o valor que o produto deve ser vendido e o lucro do negócio. Outros aspectos levantados foram conhecer o público-alvo, ter uma boa comunicação com os clientes, agilidade para vender e fazer cursos no SEBRAE para ajudar.

Em relação ao que os feirantes mais gostam da feira, o que mais se fez presente nas respostas foi conhecer novas pessoas, ver a alegria do povo, o fato de ser um passatempo, a possibilidade de criar vínculos de amizade e ter um contato olho no olho com as pessoas. O fator da liberdade que o trabalho traz, de ser dono do próprio negócio e de poder se arriscar também foram mencionados. Diante disso, confirma-se que a feira é um espaço de socialização e um espaço de passagem, (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014), no qual sempre se conhecem novas pessoas. Os pequenos negócios investigados, podem ser entendidos como constituídos por afetos, com uma gestão na qual não se cumprem regras, com forte existência de improvisações, onde se pode ter liberdade e arriscar, conforme afirmado pelos entrevistados.

Quando questionados sobre o que menos gostam em relação ao trabalho na feira, os entrevistados responderam sobre a desorganização da feira e a falta de segurança, comprovando na fala do entrevistado 36 que esses problemas estão instaurados há muito tempo. Essa ausência de segurança é sentida de modo diferente por grupos diferentes, como no caso das mulheres, conforme aponta pesquisa de Andrade, Santos e Oliveira (2018) e relato sobre violência de gênero mencionado anteriormente, ou no caso das pessoas com deficiência, conforme relatos expostos anteriormente.

## 5 Considerações Finais

A construção dessa pesquisa compreendeu conceitos dos autores centrais acerca dos temas usados na pesquisa, que são: Marcadores Sociais da Diferença, Interseccionalidade e Gestão Ordinária. Em seguida foram realizadas 50 entrevistas virtuais com feirantes da cidade de Caruaru-PE, permitindo entender as diferenças que os constituem e a gestão ordinária por eles praticada. Com base no confronto das entrevistas com a literatura, foram realizadas interpretações que nos ajudam a compreender a gestão ordinária da feira de Caruaru-PE, à luz dos conceitos de diferenças e interseccionalidades.

De modo geral, ao considerar os marcadores sociais da diferença, evidenciamos a existência de maioria de feirantes mulheres, dentre elas, brancas, negras e morenas; maioria de pessoas na faixa etária de 40 a 56 anos; maioria de pessoas brancas, apesar de número expressivo de pessoas não brancas, que se autodeclaram morenas e pardas; maioria de pessoas com ensino

fundamental completo e incompleto; todos(as) periféricos, cisgênero, heterossexuais e sem deficiência. Ao lançarmos um olhar interseccional para os dados, percebemos que a maioria das pessoas que declararam ter ensino superior completo ou incompleto são pessoas brancas, e que mulheres jovens, tidas como “inteligentes” e líderes em seus negócios tendem a ser vistas como diferentes da norma.

Como principais experiências de desigualdades, percebemos a invisibilidade de pessoas com deficiência, transgênero e homossexuais na feira, a existência de violência de gênero, o pouco acesso das pessoas negras acessadas ao ensino superior, a pouca quantidade de pessoas que se identificam como negras atuantes na feira e possíveis dificuldades vivenciadas por pessoas idosas para se locomoverem neste espaço. Tais experiências indicam relações sociais desiguais referentes a marcadores de gênero, sexualidade, deficiência, raça e geração. Como interseccionalidade emancipadora/resistências, percebemos o papel desempenhado por mulheres líderes de seus negócios, considerando o papel histórico limitado ao cuidado e à produção das confecções, que tem sido relegado a elas. Acredita-se que essas resistências apontam para a existência de ressignificações, construindo novas subjetividades relativas ao gênero e à geração no campo da feira de Caruaru.

No que se refere à gestão ordinária, alguns dos principais traços encontrados foram a não divisão de tarefas; o uso majoritário da caderneta para realização de controle das finanças; uso de instagram e whatsapp para realização de divulgação e venda dos produtos comercializados, tendo em vista que são de fácil acesso; organização do tempo em torno de atividades consideradas centrais com compra, venda, pagamento aos fornecedores, organização de mercadorias em estoque, divulgação e separação dos pedidos dos clientes; organização do estoque feita semanalmente, seguindo a periodicidade da feira; a não realização de planejamento sistemático; existência de informalidade; trabalho majoritariamente familiar; transmissão de saberes relativos ao trabalho com a feira passados por gerações; valorização de saberes relativos à educação financeira, conhecimento do público-alvo, oratória e agilidade nas vendas; a possibilidade de conhecer pessoas novas, que a feira como um espaço de socialização e de passagem proporciona.

Ao realizarmos análise interseccional sobre esta gestão ordinária, percebemos ênfase na diferença geracional no que se refere às formas de controle financeiro utilizadas; ênfase no marcador formação escolar no que se refere às formas de organização de estoque realizadas; ênfase no marcador de classe e de raça para compreensão do contexto que leva os(as) feirantes a envolverem a família no trabalho, de modo informal.

Como indicações para pesquisas futuras, é importante ampliar ainda mais o debate em torno da articulação entre as noções de gestão ordinária e interseccionalidade, investigando outros campos empíricos, como organizações da sociedade civil, organizações culturais etc., e como práticas organizativas diversas lidam com as diferenças e reproduzem ou desconstruem desigualdades.

## Referências

- Acker, J. (2006). Inequality Regimes: Gender, Class, and Race in Organizations. *Gender & Society*, 20(4), 441-464.
- Almeida, H., Simões, J., Moutinho, L. & Schwarcz, L. (2018). Numa, 10 anos: um exercício de memória coletiva. In Saggese, G. et al. (Org.). *Marcadores Sociais da Diferença: Gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica* (pp. 9-30). São Paulo: Terceiro Nome; Gamma.
- Alves, M. A. & Galeão-Silva, L. G. (2004). A crítica da gestão da diversidade nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 44(3), 20-29.

- Andrade, M. M., Santos, E. C. & Oliveira, M. F. S. (2018). *Trabalho Feminino na Feira da Sulanca de Caruaru-Pernambuco*. Trabalho apresentado no 5º Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Curitiba, PR.
- Brah, A. (2006). Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, (26), 329-376.
- Burnett, A. (2014a). O “ponto de mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco. *História Oral*, 17(2), 153-171.
- Burnett, A. (2014b). As raízes rurais da Feira da Sulanca no Agreste pernambucano. *Revista Extensão Rural*, 21(4), 9-31.
- Carrieri, A., Perdigão, D. & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista Adm*, 49(4), 698-713.
- Carrieri, A., Perdigão, D., Martins, P., & Aguiar, A. R. C. (2018). A Gestão Ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, e141359.
- Collins, P. H. (2017). Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Revista Parágrafo*, 5(1), 6-17.
- Conceição, E. B. (2009). A negação da raça nos estudos organizacionais. Trabalho apresentado no 33º Encontro da ANPAD, São Paulo-SP.
- Costa, B. (2015). Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, 30(1), 147-163.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Godoi, C. K. & Mattos, P. L. C. L. (2010). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In Godoi, C. K., Bandeira-de-Mello, R. & Silva, A. B. (Org.). *Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos* (pp. 301-320). São Paulo: Saraiva.
- Henning, C. E. (2015). Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais de diferença. *Mediações*, 20(2), 97-128.
- Hirano, L. F. K. (2019). Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias In Hirano, L. F. K, Acuña, M. & Machado, B. F. (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções* (pp. 27-54). Goiânia: Imprensa Universitária.
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, 26(1), 61-73.
- Holvino, E. (2010). Intersections: the simultaneity of race, gender and class in organization studies. *Gender, Work and Organization*, 17(3), 248-277.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2009). *Dossiê Iphan: Feira de Caruaru*. Brasília, Iphan. Retrieved from: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9\\_feiradecaruaru.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf)
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative Research: a guide to design and interpretation*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de sistematização. *Revista. enfermagem*, 16 (4), 569-576.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento.

- Sá, M. (2011). *Feirantes: quem são e como administram seus negócios*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Sá, M. (2018). *Filhos das feiras: uma composição do campo de negócios agreste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- Santos, E. C., Silva, I., Dias, P. & Morais, W. (2021). Saberes e Práticas Organizativas das Culturas Populares em Caruaru-PE. *Organizações e Sociedade*, 28(98), 467-486.
- Saraiva, L. A., Irigaray, H. A. R. (2009). Políticas de Diversidade nas Organizações: Uma questão de discurso? *Revista de Administração de Empresas*, 49(3), 337-348.
- Schwarcz, L. K. M. (2019). *Prefácio*. In HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções* (pp. 8-19). Goiânia: Imprensa Universitária.
- Silva, J. (2016). “PRA ONDE TU VAI, MARIA? VOU PRA FEIRA DA SULANCA!”: um estudo sobre o trabalho feminino na Feira da Sulanca de Caruaru-PE. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE.
- VAIPE. (2020). *Guia sobre Diversidade: aprenda como construir uma empresa inclusiva*. Retrieved from: <https://vaipe.com.br/blog/guia-sobre-diversidade/>.
- Zamboni, M. (2014). Marcadores Sociais da Diferença. *Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)*, 1, 14-18.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).